

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . . 30 rs.

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

2.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 74

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possível brevidade. O atraso em que muitos estão tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

BRAGA 15 DE AGOSTO DE 1872

Quando a revolução, sanctificada nas orgias e lupanares, arvorou o estandarte da revolta contra as instituições, veneradas por sete seculos, viram-se esmigalhadas, entre suas mãos fraticidas, todos os édos da cadeia social que prendiam um passado glorioso a um futuro cheio de esperanças.

Para logo se ouviram em todos os angulos das ruas os gemidos dos vencidos, condemnados a comer, sómente, o pão negro do infortunio, e quando muito as migalhas caídas das mezas dos vencedores.

Maldita revolução que, para vencer, foi-lhe necessario a intriga e a calúnia; para dominar a influencia estrangeira, e a religião ultrajada; e para existir as lagrimas dos vencidos e o sangue dos pobres!

D'ora em diante o espectáculo que temos offerecido aos olhos da sociedade não é outro senão este: d'um lado os agiotas e ministros sentados em sacos d'ouro; do outro uma nação inteira a pedir esmola, a pedir de joelhos o que é seu como se fosse o pão da caridade.

D'um lado o homem politico passando cheio de gallões, de plumagens, de fitas, do outro arrastando-se difficilmente o homem de bem, mal coberto com os andrajos da pobreza!

Aonde irão dar comosco? Certamente, a encontrarem-se na mesma rua de igual-ós vencidos com os vencedores, esmolando todos de porta em porta, o pão da caridade!

E como não hade ser assim se, desde que um punhado de fraticidas sacudiram o brandão da revolta, até o estado deploravel em que hoje nos achamos, os homens do poder não fazem outra coisa mais que abrir e reabrir novas feridas no corpo do povo, já desfallecido á mingua de sangue!?

Abra-se o relatorio do ministerio da fazenda de 30 d'Agosto de 1834, e vê-se-ha que, para ser implantada entre nós a restauração liberal, a nação portugueza, mau grado seu, teve de consentir no enorme roubo de 37:206,794\$648 reis, mais de 93 milhões de cruzados. Para se obter essa grande somma, fizeram-se dous empréstimos em Londres, contraídos com a condição de pagar o triplo do capital e juros, pouco mais ou menos.

E', ainda, o mesmo relatorio que o diz. A nação Portugueza não póde regenerar-se, isto é, ser arrancada das garras do cynismo para onde a arrojaram, sem que volte ás instituições legitimadas da monarchia catholica. E para isso é necessario que nós préguemos, ao povo degenerado e corrompido pela moderna civilização, como se préguo diante dos povos envilecidos do paganismo.

E' preciso dizer, e bem alto, a esses espiritos, devorados pelo lume da ambição e engolfados na falsa sciencia, o que se disse aos obstinados cegos do politheismo.

Sim um só Deus a proclamar no meio de innumeraveis e monstruosas divindades produzidas cada passo por essa maldita liberdade de pensar.

Uma só religião, a Catholica Apostolica Romana, sobre as ruínas de todos esses cultos ridiculos, grosseiros e immoraes que dividem a consciencia humana!

Uma só verdade gloriosamente proclamada, embora defendida á custa de humilhações, em presença de todas essas verdades incompletas; uma só verdade em pé, sobre o tumulo de todos esses systemas que procuram opprimir a intelligencia, prometendo-lhe a sua emancipação.

Um só direito, uma só justiça, uma só moralidade sobre a sua verdadeira base — a legitimidade, reflexo grandioso de Deus, e que por isso, dizia Salvandy, o ministro de Luiz Philippe, a fortuna e o tempo não lhe podem destruir o seu caracter de imutabilidade.

E' á mocidade, ainda não imbuída de falsas ideias e desastrosos principios que tendem a destruir a Religião e a minar pelos fundamentos a sociedade, a quem pertence levantar sua voz immaculada e gritar diante d'esta geração corrupta — « pára: não é o egoismo a regra de nossas acções; mas sim a lei que de Deus tira a sua origem. Mal vae áquelle que, desprendendo-se dos laços de quem lhe fizera portanto tempo a sua felicidade, dá as costas a Deus; aos pés calca as instituições ve-

nerandas e veneradas, e o rosto só o volta para uma liberdade que só d'ella tem o nome e do despotismo as obras ».

A' redacção do «Futuro».

Londres, 29 de julho, de 1872.

Acabo de receber esta manhã, e teria recebido hontem, se não fosse domingo, dia em que aqui se não distribuem cartas, a seguinte proclamação authentica, de D. Carlos, que me é enviada em francez; passo a traduzil-a fielmente, e mandar ao Futuro a traducção, para o caso de lá não ter chegado primeiro por outra via. Foi, sem duvida, mandada traduzir em Francez, para os exemplares, impressos n'uma pequena folha, como o que recebi, se fizerem ao mesmo tempo circular em França, e n'outros logares fóra de Hispanha, onde a causa legitima Hispanhola tem grandes sympathias, inclusivamente n'este paiz. Eis aqui o documento:

« Catalães, Aragonezes, Valencianos
« Em 2 de Maio, fiz de Vera appello a todos os Hispanhoes, cheio de fé na grandeza da causa que Deus poz em minhas mãos.

« O que então era apenas uma esperança, hade ser em breve magnifica realidade. Os fundamentos da restauração do throno de Recaredo estão assentes nos louros de Onhate, de Manharia, de Urbasa, de Ceherio, de Mas de Roiz, de Tibisa, e de Reus. O caminho da victoria está regado pelo sangue dos martyres: Uribarri, Ayastuy, Garcia, e Francesch n'elle inscreveram seus nomes immortaes.

« Hoje como então, mas ainda com mais confiança, repito com o orgulho de rei de uma nação heroica:

« Voluntarios que generosos correis ao sacrificio, com os olhos pregados no céu e na minha bandeira, eu vos admiro!

« Soldados de Pavia e de Bailen, que assás estaes cegos para vos fazer mercenarios do estrangeiro, tambem admiro a coragem de que tendes dado prova.

« Chamo-vos a todos, porque sois todos hispanhoes: a obra da redempção começa apenas, e o mundo nos contempla attento; espanta-se a revolução, e regosijam-se todos os homens de bem.

« Está, sim, proximo o dia em que serão realizados meus mais ardentes desejos.

« Querendo, pois, a descentralisação, como em meu manifesto de 30 de Junho, de 1869, o escrevi, hoje vol-o digo publi-

camente e de maneira solemne, intrepidos Catalães, Aragonezes, e Valencianos:

« Ha seculo e meio que meu illustre avô Fillipe V julgou que devia riscar vossos Furos do livro das franquias da Patria.

« O que elle vos tirou como rei, eu como rei vol-o restituo: pois que se fostes hostis ao fundador da minha dynastia, sois agora o baluarte de seu descendente legitimo. Restituo vossos Furos porque sou o campeão de todas as justicas.

« Para fazel-o, como não passam de balde os annos, convocar-vos-hei, e, de commum accordo, poderemos adoptal-os ás exigencias dos nossos tempos.

« E a Hispanha saberá mais uma vez, que na bandeira em que estão escriptas as palavras: DEUS, PATRIA E DEI, escriptas se acham tambem todas as liberdades legitimadas.

« O vosso Rei,

CARLOS ».

« Fronteira de Hispanha, 16 de Julho 1872 ».

Esta proclamação ou manifesto de Carlos VII dá-me grande prazer, por varios motivos, sendo o primeiro e maior d'estes o concordar inteiramente com a doutrina e sentimentos que sempre advoguei e mantive, pelo espaço de 45 annos, pelo menos; como testemunham meus bem numerosos escriptos publicos, e mais ainda particulares, sem exceptuar os officiaes.

E não será inutil saber, que já o conde de Montemolin, ou Carlos VI de Hispanha, tinha egualmente as mesmas ideias e tenções que seu Augusto sobrinho hoje tem.

Eis uma prova:

Indo eu d'aqui a Napoles, em setembro de 1834, a rógó de varios inglezes importantes e hispanhoes, que desejavam então (quando acabava de ter logar a triumphante revolta de Vicalvaro) que o mesmo conde subisse ao throno, sob condições como as indicadas na proclamação acima; tendo me para a viagem até fornecido os meios que eu não tinha proprios; metti na mala dois folhetos hispanhoes, que achei entre os meus papeis — e que nem mesmo sabia ou sei como os adquiri. Ao embarcar em Trieste, atravessando o golfo para Veneza, tirei da mala um dos folhetos para o ir lendo no vapor sobre o Adriatico, socegado e liso como um espelho. Encontro no alto do titulo esta nota que então mesmo alli puz em lapis: — 28 de setembro, 1834 (no meio do Golfo de Veneza,

por um tempo delicioso —. Eis aqui o titulo do folheto de 58 paginas em 8.º: *Carta sobre la antigua costumbre de convocar las cortes en Castilla, para resolver los negocios graves d'el reino.*

E' escripto por homem verdadeiramente liberal e mui conhecedor da historia politica e direito publico d'Hispanha; infelizmente occulta o seu nome. Foi impresso em Londres, no anno de 1810.

E' a mais bella e sensata maneira proposta de restabelecer e adaptar á nossa época a verdadeira constituição de Hispanha. Fiquei apreciando muito o escripto (que guardo, e talvez faça reimprimir), e fallando n'elle em Napoles, e emprestando-o ao Conde de Montemolin, disse-me quando m'o restituiu, tendo-o lido: — Saraiva, procure-me a todo o custo um exemplar d'esse folheto em Londres, e remetta-m'o — Ao que respondi: — E' cousa que só por um acaso se poderia encontrar; mas, como não é objecto de muito custo, mandal-o-hei reimprimir — N'isso ficamos, mas não fiz então reimprimir o escripto, por transornos que succederam nos negocios do Principe, logo depois, de maneira que já não podia a cousa ter então serventia.

A. R. Saraiva.

que hade succeder.

Da *Esperanza* de 3 do correute transcrevemos o artigo, que tem o titulo da epigraphe, por ser continuação do que publicamos no passado numero d'este semanario.

« O nosso querido amigo o illustrado chantre de Valladolid, no artigo, que nos remetteu e que ha dias publicamos, dizia, que emquanto os principes e as nações, que tanto devem temer a revolução cosmopolita, se não concertassem d'algum modo resolvendo prestar aos defensores da causa catholico-monarchica na Hispanha os unicos auxilios de que necessitam para obterem o triumpho, a revolução continuaria imperando entre nós. Effectivamente a these do antigo redactor da *Esperanza* é de muito facil defeza. Porquanto os inimigos da ordem social, os que sustentam principios e soluções, que mais ou menos geram o espirito de rebelião, causa unica da continuada e mais terrivel agitação em que vivem os povos e os governos, poderão guerrear-se com encarnicamento uns aos outros, como de facto se guerream, se combatem e se assassinam até; quando porém

que todos os effeitos d'ella, isto é, os direitos transferidos a D. Maria, foram igualmente arbitrarios e climericos.

Mas o mais singular do negocio é que se o pae não podia abdicar, menos podia aproveitar á filha a abdicación, ainda no caso d'esta ter sido valiosa.

Primeiramente, era estrangeira, como filha de estrangeiro. Com effeito, seu pae tinha-a designado herdeira presumptiva do imperio brasileiro, e por isso é que depois da independencia do Brazil tinha trocado seu titulo portuguez de princeza da Beira pelo brasileiro de princeza do Grão-Pará.

Em segundo lugar, ainda quando D. Pedro tivesse podido abdicar, a abdicación não podia ser feita senão pela forma e maneira prescriptas pelas leis portuguezas. Um soberano póde abdicar sua corôa se lhe isso convem: é quanto póde; mas não sido escolher arbitrariamente seu successor, o qual está já designado na lei da successão anterior á abdicación. Ora a lei portugueza não chama ao throno as filhas do rei fallecido, senão na falta de filhos varões; e na epocha da sua abdicación já D. Pedro tinha um filho, que se acharia privado de seus direitos por seu pae, no caso em que este tivesse uma corôa que abdicar.

Estes dois motivos de incapacidade seriam já sufficientes para reduzir a nada toda a pretensão á corôa de Portugal da parte de S. A. I. a Senhora princeza do Grão-Pará; mas vieram outros ainda mais fortes

aggravar o que os dois primeiros apresentavam já decisivo. Em primeiro lugar, ella, ou alguem em seu nome, fez guerra á nação, o que, conforme a lei portugueza, importa a perda dos direitos do aggressor, quaesquer que estes possam aliás ser a respeito da corôa; e é o que aconteceu, conforme a decisão das côrtes de Coimbra em 1385, aos dois filhos de D. Pedro I.º e D. Ignez de Castro, excluidos em proveito de seu irmão bastardo, o mestre d'Aviz, posto que irmãos legitimos do ultimo rei fallecido: em segundo lugar, casou duas vezes com estrangeiros, o que é ainda, conforme as mais positivas disposições das leis portuguezas, um motivo d'exclusão, pelo menos tam forte como o primeiro, e de que as mesmas côrtes de 1385 tinham já feito applicação á princeza D. Beatriz, declarada incapaz de succeder, ainda que filha unica d'el-rei D. Fernando, por ter casado com el-rei de Castella.

Virão por ventura dizer-me que as côrtes podiam muito bem desligar D. Maria da obrigação de despozar um portuguez, e conder-lhe licença de escolher um estrangeiro? Embora; mas ainda era necessario que esta licença fosse concedida, por côrtes constituintes, e o facto é que tal licença nunca foi concedida nem sequer pedida.

Não me demorei muito em refutar a opinião d'esses que para escapar á evidencia das incapacidades que excluíam D. Pedro da successão ao throno, se tem lembrado de fazer derivar o direito de D. Ma-

condições necessarias para que um facto de poder possa ser reputado legitimo, isto é, a justiça da aquisição d'este poder, não se acha de nenhum modo realiado pelo governo de D. Maria. Quanto á segunda isto é, quanto ao facto d'uma longa posse pacifica, a historia contemporanea ahi está para nos dizer como essa posse tem sido; e de mais isso é tam sabido, que seria inteiramente superfluo insistir em tal. Contentar-me-hei pois com fazer notar que, se o consentimento dos governados é absolutamente necessario para que tal ou tal aquisição do poder seja devidamente reputada justa, nunca nenhuma nação apresentou contra um usurpador, que lhe quizesse impôr o seu dominio, uma resistencia mais longa, mais aturada e mais pertinaz do que a que tem apresentado a nação portugueza contra a usurpação de D. Maria e de seu pae. Com effeito apenas o imperador brasileiro usurpa em 1826 o titulo de rei de Portugal, e impõe á sua antiga patria uma constituição a seu arbitrio, immediatamente a nação da maneira mais espontanea e sem a menor cooperacção do Infante D. Miguel, então exilado na Austria, protesta com as armas na mão contra as pretensões do usurpador, e força a pequena facção pedrista a implorar o soccorro da Inglaterra, que lhe envia effectivamente um exercito ás ordens do general Clinton.

Este primeiro acto de resistencia é seguido de muitos que se secedem com intervallos mais ou menos longos, todas as

Quando el-rei D. João 6.º foi forçado pela revolução de 1820 a transferir a sêde de seu governo para Lisboa, confiou a seu filho D. Pedro a administração do Brazil, crendo que não podia achar mais seguro depositario para a guarda d'este membro tão importante da monarchia. D. Pedro inaugurou pois seu governo como simples logar-tenente de seu pae; mas desenrolando em breve a bandeira da rebellião e da independencia, provocou e completou essa revolução cujo ultimo resultado foi a creação do imperio brasileiro.

Effectuada a sua obra, convocou elle uma assemblea constituinte para fazer, sobre bases propostas por elle mesmo, a constituição do novo estado; e apenas acabada esta constituição, deu-se pressa em a aceitar, e jurou-a. As principaes disposições da nova constituição, no tocante á nossa questão, são estas:

« 1. Os cidadãos brasileiros formam uma nação livre e independente, sem nenhum laço d'união ou de federação que possa oppor-se á sua independencia;

« 2. D. Pedro é o primeiro soberano do novo imperio, e depois d'elle sel-o-lhão seus filhos. Elle se obriga a defender em tudo a sua independencia e a observar e fazer observar a constituição.

« 3. O imperador não poderá sair do imperio do Brazil sem o consentimento da assemblea legislativa; e em caso que elle o deixe sem auctorisação, ficará por isso entendido que abdica a corôa.

vêm, que se arvora a bandeira salvadora, unem-se, sem prejuizo de se continuarem combatendo e ultrajando, e esta união, embora accidental e para um só fim, opera-se como por encanto.

Assim observamos, que separados em Hispanha segundo parece, por um abysmo, os affonsinos e os amadeistas, quando se tracta de combater os carlistas, desaparecem as desintelligencias e o exercito liberal animado por um odio commum, apparece compacto.

Convem não esquecer todavia, que o mal tanto hoje, que se apresenta sob a fórma do liberalismo, como antes, que adoptava outros disfarces, tem sempre tido auxiliares, e poderosos, e accommodaticios, nos egoistas e nos homens de pouca fé.

Limitando-nos á Hispanha e á época presente todos nós conhecemos pessoas, que pensam commo e que desejariam o nosso triumpho, mas que nem ao menos se atrevem a fazer propaganda em defeza das doutrinas, que sustentamos e das quaes só se declaram partidarios no intimo da confiança. Perguntae a essas pessoas, porque assim procedem e responder-vos-hão, que se sentem convencidos de que a enfermidade, que molesta a sociedade actual, é incuravel e que na Hispanha os bons pouco ou nada podem.

Pois bem, agora, depois de se ter visto em campo tam numerosas e intrepidas hostes carlistas deve-se pensar tam tristemente? Atraver-se-ha alguem a sustentar, que na Hispanha os bons pouco ou nada podem? Poderão os egoistas justificar a sua inação pretextando que não podem levantar-se em Hispanha diques bastante fortes contra a corrente assoladora do mal? O mais pessimista é obrigado a convir commo em que se as provincias do centro da Hispanha tivessem podido dispôr das armas com que contavam as provincias Vasconnavarras e tivessem verificado seu levantamento, quando pela fronteira penetrou o general carlista Rada, a Europa teria presenciado a manifestação maior e mais unanime do sentimento publico e que todas as bolsas dos banqueiros nacionaes e estrangeiros se nos teriam franqueado.

Queremos suppôr, que ao escrever o snr. Gonzales o seu artigo sobre as restaurações, nenhuma promessa tinha sido feita pelos que no estrangeiro desejam, que finalise a revolução e entre a sociedade na senda do legitimo progresso. Convertamos a hypothese em affirmativa para dar mais força ás nossas palavras e perguntemos; hoje meditando sobre o que succedeu e está succedendo em Hispanha, não ha-de haver um só príncipe reinante, um unico governo europeu, nem sequer um príncipe rico embora destituido, que não descubra, que aqui reside a força, que fortificada ha-de destruir os idolos do liberalismo e ha-de promover o movimento regeneratorio d'esta sociedade que, marchando pelo caminho que trilha, parece necessariamente sepultada entre ruínas?

Para responder negativamente é indispensavel partir do principio de que na Europa não ha um governo nem um príncipe poderoso, ou pela posição official ou pela sua fortuna, animado de sentimentos restauradores ou simplesmente conservadores. Porém se esse governo, ou se esse príncipe existe, a existencia d'esse príncipe ou d'esse governo, segura-nos a victoria, porque apoz elle virá outro e porque realmente um só é bastante.

Aos politicos estrangeiros preoccupa-os seguramente a força do partido carlista tanto ou mais ainda, que ao partido liberal da Hispanha. E como não havia de ser assim, se todos o viram depois de trinta e tantos annos de desgraça, erguer-se mais poderoso que nunca, e se observa que em cada anno que decorre, dá maiores provas de vitalidade e força?

Porque, note-se, os movimentos quasi espontaneos da commuão politica, a que pertencemos, augmentam d'anno em anno em importancia. Vencido Polo na Mancha, Estartús na Catalunha, Balanzategui e Milla em Leon, tudo se devia considerar terminado para nós segundo o juizo dos nossos inimigos, que nos diziam: «vêde como confundisteis o vivo com um cada-ver galvanizado». Passou tempo e o ardil d'Escoda fez sair a campo uns seis a sete mil carlistas nas Provincias Vascongadas e na Rioja e mil proximoamente em Burgos. Decorreram quasi dous annos desde então até hoje, e nas provincias Vascongadas e Navarra saudaram a entrada de Carlos VII em Hispanha com um levantamento, que não tem egual na historia patria contemporanea: A Catalunha poz em armas mais de oito mil homens, e pôde-se calcular, que no resto da Hispanha passam de quarenta mil homens, os que saíram de suas casas para pegar em armas, cuja quantidade era infinitamente inferior á dos voluntarios combatentes.

Quem duvida, com taes elementos, da salvação da Hispanha? Com taes elementos, superiores aos que partido algum jamais possuiu, pelo menos eguaes aos que no principio da guerra da Independencia utilisaram nossos paes, quem perde a fé no triumpho? Quem não confia em que brevemente os catholico-monarchicos hispanhoes ham-de encontrar se não encontraram já, em alguma parte a cooperação que necessitam para vencerem os esforços combinados da revolução cosmopolita?

A Hispanha salvou a Europa da invasão da mourisma, luettando durante muitos seculos: tornou a salvar-a d'outra egual invasão em Lepanto; salvou-a tambem mais tarde da tyrannia napoleonica e ha-de salvar-a hoje da invasão demagogica.

Do nosso excellente collega *Correio da tarde* transcrevemos, com a devida venia e para mostrarmos aos nossos leitores a espontaneidade dos festejos á liberdade oppressora e despotica dos pedristas, o seguinte e muito curioso artigo.

«O publico viu as festas do dia 24 de julho, em Lisboa — por fóra; vamos nós agora mostrar-lh'as — por dentro.

O publico assistiu á *representação na scena*; mas ignora o que se passou *atrás dos bastidores*. Vamos nós contar-lh'o.

Vamos contar-lh'o porque é preciso que o povo saiba o que lhe impingem e como lh'o impingem.

É preciso que o povo tenha conhecimento d'estas *lycurgiques* ridiculas em que lhe mettem *gato por lebre*, para avaliar devidamente estes *falsos* enthusiasmos, estas *festanças officiaes* com mascara de *officiosas*.

É uma historia tão instructiva pela explicação do espectáculo que o povo teve aqui diante dos olhos, como pela luz que lança sobre o outro espectáculo de que teve noticia pelas trombetas mais ou menos

assalariadas. Lisboa explica as provincias. *Elles*, appresentaram-lhe a *mentira*; nós, vamos appresentar-lhe a *verdade*; elles, o roubo feito á algeibra de todos, tanto vencidos como vencedores; nós, a revelação d'esse crime, que entregamos á indignação de todos os homens honestos. É provavel que os *festeiros* azoem; mas que nos desmintam.

Assim como *elles* cumprem a sua obrigação da *barla*, cumprimos nós a nossa, que é *desfazer-lh'a*.

Assim como *elles* obedecem ás *lojas*, obedecemos nós á nossa consciencia.

Vamos, portanto, ao caso.

A commissão dos festejos, que, como todos sabem, sahio de uma reunião convocada por convite *anonymo*, mas que depois se soube ter partido do Governador Civil de Lisboa, reunião, onde se não deixou discutir a idéa dos festejos, e onde simplesmente se tratou da *formalidade* da approvação de uma lista, tambem de auctor *anonymo*, que os *applaudistas officiaes* votaram sem discrepância; esta Commissão dos festejos tinha, no seu seio, bastante gente da opposição liberal, porque o auctor *anonymo* da lista teve de a modificar á ultima hora, para se afastar a idéa da intervenção do governo, e inculcar á generalidade do pensamento das festas, ao menos no campo liberal.

Aconteceu, porém, que esta gente opposicionista, pela maior parte *historica*, era mais esperta e fallad'ra do que o resto, e facilmente conseguia dominar a outra parte. Assim, pois, a Commissão, debaixo d'essa influencia, mostrava-se hostil ao ministerio. Quería que o Chefe do Estado, como Chefe dos comparsas, fosse convidado e intervisse no Cirio, mas não queria de modo algum que o Ministerio intervisse na funcção, nem fosse convidado para coisa nenhuma. Esta especie de hostilidade, era disfarçada, em publico, já se vê, com o nome de independencia e de que os festejos não deviam ter caracter official, mas espontaneo da população lisboense. Abriu-se, com este intento, uma subscrição publica, que foi annunciada e apregoada e inculcada por todos os modos, mas que por mais que foi assoprada pela gerinção dos tres pontinhos, nunca chegou a encher. O enthusiasmo do publico liberal apresentava muito poucas tendencias contribuintes. Se até alguns dos membros da propria Commissão permaneciam sordos d'essa orelha! Alegrias contribuintes!

Temol-as cá em abundancia tolos os dias. Mas como ha-de ser? Levamos uma solemne pateada. A subscrição não chega a nada. Os festejos dão em agoa de bacalhao. Comô se ha-de evitar esta vergonha?

Vamos ter com o governo, aventurem-se a dizer um dos mais praticos, e dos que mais sabem como as coisas costumam correr... A isempção opposicionista ficou logo abalada, mas a hostilidade de corrilho ainda subsistiu... Aproximava-se entretanto o dia, e a subscrição tinha-se elevado apenas de *setenta reis a cento e dez*. Diz-se até, mas não acreditamos, que um membro da Commissão, curioso de versos, imitariu um *epigramma* de Bocage, dizendo:

Erão tres juntas de bois, o

E estes dos mais selectos,
A pucliar pelos dinheiros,
E os dinheiros quietos

Mas que se ha-de fazer?

Vamos ter com o governo; repetiu o nosso homem pratico.

Vamos lá; acordaram por fim todos, *transjindo*, como fazem quasi sempre, diante das *exigencias* e *situações financeiras*.

Ora, o governo, que tinha sabido pelos seus amigos de dentro, assim como por alguns *signaes exterior*es, o animo hostil da Commissão, tambem por sua parte estava com os seus amigos, de dentro e de fóra, em certa hostilidade com ella, e parece que a esperava no campo das *dificuldades pecuniarias*.

Contava que n'esse terreno haviam de vir a um accordo ambas as altas partes contratantes.

Esta hostilidade do governo, que só era desforço e desforra da hostilidade da Commissão, chegou a pôr-se por obra n'um artigo que se escreveu, compoz, e imprimiu para o *«Correio do Sul»*, órgão do Presidente do Conselho, e folha semi-official do governo, condemnando-se alli os festejos como faltos de generosidade, e alimentadores de odios entre os filhos da patria, que convinha extinguir em vez de avivar.

Na vespera, porém, de se publicar o alludido artigo, foi precisamente o dia em que a Commissão se foi ter com o governo, ponderando-lhe o *fiasco* de que estava ameaçada por *falta de meios* se lhe elle não acudisse com os *dinheiros publicos*; e as apreciações desairosas que d'ahi proviriam aos *enthusiasmos liberaes*, que pelo contrario, com os recursos do thesouro se continuariam a attribuir á *espontaneidade* da liberal-Lisboa. Deixou-se o governo persuadir das razões, nas quaes se pagou da humilhação da Commissão; e pactuaram-se *docilidades* mutuas em homenagem á *honra do convento*, que era preciso salvar. Fez-se portanto o accordo; e como principio de execução d'elle mandou-se a toda a prassa retirar o artigo que condemnava os festejos, e substituí-lo por outro em que se elogiava o pensamento das festas, dando-lhe as voltas e reviravoltas precisas para se inculcar absolutamente o contrario do que se pensava. Que gente, santo Deus!

Mas a contra ordem para a transformação do artigo chegou ao *«Correio do Sul»* á ultima hora... grande atrapalhação... principalmente porque a pessoa que tinha escripto o artigo *branco*, teve a dignidade de não se prestar a escrever o artigo *preto*... consulta d'aqui, consulta d'alli... era indispensavel cumprir-se o ajuste, emfim achou-se quem escrevesse o artigo *preto*, sempre se acha; o outro, é que nem sempre... Mas apesar de se aproveitar o principio de um artigo *branco*, para o artigo *preto*, ainda com o risco de ficar *quido*, apesar de todas as diligencias, o *«Correio do Sul»* não se apromptou a tempo e não pôde sair no dia immediato.

Que nos desmintam.

Entretanto o accordo estava feito; condescendencias de ambos os lados; e o governo foi-se ás arcas do Estado e furtou de lá o dinheiro com que remiu a penuria da Commissão... Esta entrou então a respirar mais largamente, e fizeram-se as despesas do programma com

o dinheiro de nós todos, porque o entregámos á mão *infel* do governo...

Que nos desmintam. A Commissão que publique as suas contas. Mostre a sua habilidade *documentada*. Venham as contas de *receita e despeza*.

Parece que o governo deu *das nossas algeibras* uns seis *contos de reis*, pouco mais ou menos para o *Cirio do odio e Arraial da vingança*, que tinha condemnado primeiro, e que approvou depois a troco d'umas zumbaias e considerações estorquidas á penuria da Commissão.

Agora deixamos ao publico a moralidade de todo este negocio.

Vejá ahí como lhe arranjam *festas espontaneas*. Vejá ahí a comedia liberal, que lhe representam sempre e em tudo.

O publico só tem, a maior parte das vezes, conhecimento do que se passa no tablado, não vê, como agora, os *cordeis* que por baixo fazem mexer os *lunecos*.

Mas fique, d'esta vez, sabendo. E tenha a certeza que as representações d'esses *lunecos* são todas assim.

E nós todos a darmos o nosso dinheiro para ser desbaratado em *bichinhas*!... Para se nos impor uma festa detestada por uns; desaprovada por outros; e por outros vista com indifferença!

A darmos dinheiro para as *pirraças* das lojas; para as manifestações da impiedade contra a igreja e contra o Papa! Para os caprichos do *«Jornal do Commercio»*, que cuidava metter ferro com as festas á Nação—gente, e á «Nação»—Jornal!

Nunca se viu um desfaldro, nem uma vergonha semelhantes!

Tornem agora a fallar em enthusiasmos; tornem a calumniar Lisboa attribuindo-lhe um *liberalismo* odioso, odioso, e anti-christão!

E nisso que ahí se reúne, a que pozeram a *alcunha* de *Côrtes*, verão que ninguém se atreve a abrir bico. Ninguém se atreve a perguntar ao governo pelas despesas das *festas de pirraça*, apesar de não terem verba no orçamento. Se algum deputado, por combinação theatral, fallasse n'isso, veriam que não se dava no *roubo*. Alcantina d'aqui; pelotica d'alli; cifra vale dez; levantavam tal poeira nos tapetes da sala com as unhas que não se chegava a ver nada!...

Ainda lhe havíamos de ficar devendo alguma coisa.

E então o sr. Fontes?! A quem já em S. Bento ouvimos gabar da sua *arte de grupar as cifras*!

E se o publico não sabe o que isto quer dizer, leia as *Viagens da Minha Terra* de Garrett, que lá hade achar a explicação.

Isto quer simplesmente dizer que o *pinhal d'Arambuja* mudou-se para Lisboa e está *consolidado*...

Agora pôde o publico, na sua espereteza e sabedoria, dar vivas á liberdade e mandar tocar o hymno!

REVISTA ESTRANGEIRA

Os carlistas, segundo a *«Imprensa»* com data de 2 do corrente escrevem de Girona, sustentaram em la Salera no dia 1 com a columna de Hidalgo tam renhido e terrivel combate, que o *logo*, tendo rompido d'ambas as partes ás 7 horas da manhã,

esta tenha desposado um estrangeiro.

A segunda disposição capital é expressada por estas palavras: *«Et rex, si fuerit talis quod consentiat dominum alienum non regnet.»*

A terceira emfim é a obrigação imposta ao rei de residir pessoalmente no meio da nação. E' o que prometteram muitas e muitas vezes os reis portuguezes em diferentes occasiões, e em especial el-rei D. Affonso 5.º nas côrtes de Lisboa de 1476, el-rei D. Manoel tambem nas de Lisboa em 1539, el-rei D. Filippe 2.º nas de Thomar em 1581, e el-rei D. João 4.º nas de Lisboa em 1641.

Posto isto, resta somente vêr se estas tres condições se achavam ou não realisadas na pessoa de D. Pedro. Em primeiro lugar, elle era estrangeiro, e cil-o em contradição com a primeira. Depois, não podia residir *pessoalmente* no meio da nação, pois que se havia obrigado a estabelecer a sua residencia no Brazil; e se para poder preencher esta condição da residencia pessoal, pedisse á assemblea legislativa a auctorisação necessaria, então teria elle consentido n'um dominio estrangeiro, o que bastaria para acarretar a perda do seu direito.

E' pois de toda a evidencia que o titulo de rei de Portugal, tomado por D. Pedro por occasião da morte de seu pae, era um titulo arbitrario e usurpado; que, portanto, sua abdicção foi nulla, pois que elle não podia fazer; e se elle a não podia fazer tal abdicção, a consequencia inevitavel é

phistas actuaes, então o herdeiro era incontestavelmente Philippe, por ser varão, e D. Catharina só viria na falta d'elle.

Comtudo as côrtes, senhoras da questão, decidiram que a lei chamava evidentemente a duqueza de Bragança, e não el-rei d'Hispanha.

E porque? Porque Philippe, dado que varão, só descendia d'el-rei D. Manoel por sua mãe que era femea, sendo que D. Catharina, com ser tambem femea, descendia do mesmo rei D. Manoel por seu pae o infante D. Duarte que era varão. O direito representado por Philippe era o de sua mãe, o direito representado por D. Catharina era o de seu pae.

As consequencias d'este facto são evidentes. E' impossivel que o direito possa ser transmittido directamente pelo avô ao neto; ha-de passar, de força, pelo pae: se alguma coisa o impede n'esta passagem, já elle não pôde ir mais longe. Assim, do mesmo modo que o direito d'el-rei D. Manoel não pôde chegar até Philippe, porque na passagem por sua mãe se acha impedido pelo direito superior do pae de D. Catharina, tambem o direito d'el-rei D. João 6.º não pôde chegar até D. Maria, porque na passagem por seu pae se acha impedido, não só pela incapacidade d'este, o que já era sufficiente, senão tambem pelo direito superior de D. Miguel, como eu demonstrei no artigo seguinte.

Concluamos pois, e sem nenhum receio d'objecção seria, que a primeira das duas

ria immediatamente d'el-rei D. João 6.º, seu avô; direi todavia alguma coisa para fazer ver os absurdos que elles tem sido forçados a admitir, querendo sustentar pretensões que em toda a parte se achavam em opposição flagrante com o espirito e letra da legislação portugueza.

Dizem elles: «E' verdade que D. Pedro não podia já succeder a seu pae na corôa de Portugal, desde que accéitara a do Brazil; mas quando esta capacidade nasceu, já sua filha existia e tinha direitos adquiridos que a desnaturalisação de seu pae não podia fazer-lhe perder. A seu pae não é que elle succede; é a seu avô, do qual tinha herdado seu direito á corôa antes da separação do Brazil.

Para tornar palpavel todo o absurdo d'uma tal argumentação, não hei mister implicar-me nas subtilidades do direito portuguez. A historia do paiz lá está; o caso de que aqui se faz questão, já foi apresentado; o que resta pois é examinar como o decidiram as côrtes, e veremos se é verdade que, segundo as leis portuguezas, possa o direito passar directamente do avô para o neto, sem haver respeito ao aae.

Quando em 1581 morreu sem successão directa o cardeal-rei D. Henrique, não havia quem lhe succedesse, senão os netos d'el-rei D. Manoel. Estes netos eram dois: el-rei d'Hispanha Filippe 2.º e a duqueza de Bragança D. Catharina. Se o direito podesse passar directamente do avô para o neto, consoante a doutrina dos nossos so-

só finalizou ás seis da tarde com resultados fataes em demasia á columna amadeistada, apesar de ter sido de Gerona soccorrida com todas as forças, que ali havia.

«La Correspondencia» sobre elle escreve com favoráveis côres ás tropas amadeistas o seguinte, que nos parece mui pouco verosímil:

«As partidas Saballs, Huguet e Costa em numero 700 homens atacaram hontem nas proximidades de la Salera a columna commandada pelo tenente coronel Mercado, que era inferior em numero.

«O governador militar de Gerona sahio com as forças disponíveis em soccorro da columna.

O choque causou muitas perdas aos carlistas, dos quaes ficaram tres prisioneiros e a quem se colheram armas e outros objectos.

«As tropas do Governo tiveram quatro feridos, em cujo numero entra um ajudante e o proprio Mercado, cujos ferimentos dizem ser infelizmente muito graves.

«El Diario del Reus», diz, que nada pôde com verdade comunicar aos seus leitores a respeito da insurreição carlista naquella provincia, senão que os partidarios de D. Carlos VII se mostram muito animados por causa do manifesto, que seu rei publicou, e todos elles affirmam, que muito brevemente voltarão a incetar nova campanha, com certeza de feliz e completo resultado, não só nas Vascongadas, Navarra e Aragão, mas tambem em quasi todas as demais provincias.

Isto parece-nos o mais certo pela muito simples razão de D. Carlos VII querer a descentralisação como no seu manifesto publicado num suplemento extraordinario ao «Boletim Oficial de la Guerra» mostra, guardando e reconhecendo os fueros aos Catalães, Aragonezes, Navarros e Vasconços, cujo horror ao liberalismo ha-de crescer immenso e terrível, porque personificado hoje n'um estrangeiro.

«El Diario del Pueblo» notifica o aparecimento d'uma partida carlista de 40 homens em Vilaplana, e que Tristany e Sanz com 200 homens pernoitaram em Tons, onde exigiram 450 duros sob pena de fuzilar os camaristas se lhos não dessem.

Dos outros periodicos dizem alguns, que as operações das tropas paralisaram na Cataluña, por falta de recursos, que, como se sabe, sam a alma da guerra.

Os periodicos de Malaga dam noticias pouco tranquilisadoras d'aquella provincia, onde os operarios continuam a ser incitados á revolta pelo periodico «La Justicia» e a fazerem greve ou greves, como afracezadamente se diz.

Deram-se ordens para que se concentrasse apressadamente em Malaga a Guarda Civil da provincia, e tam se concentrassem os carabineiros e chegaram aquella cidade um esquadrão do regimento de cavallaria de Farnesio e tres companhias do regimento d'infanteria del Cantabria.

Uma carta escripta de Berga ao «Diario de Barcelona» diz a respeito da acção de Salent o seguinte:

«Os dispersados de Salen, cuja maior parte se dirigiu a Puigreig dividiram-se e foram uns para Prato, onde se uniram com alguns dos dispersados de Tarrasa formando um grupo de 80 homens, outros para Monclar em numero de 90, e Castells com a sua escolta de 30 homens uniu-se com outra partida de 100, e passou dous dias em Busa, do. de sahio para S. Lorens de Pitcus a fim de conferenciar com Tristany.

«La Independencia» publica uma carta, que com data de 28 do passado lhe escreveu o correspondente de Figaro, a qual diz ter Guin com duzentos homens querido surprehender uma columna de tropa em Garriga; mas não o pôde fazer, porque a columna houve por acertado não passar no ponto, em que os carlistas estavam fortificados. Esta partida, diz a mesma carta, anda muito bem vestida muito alegre e muito bem armada e municida.

Na Guipúzcoa continua o movimento carlista a augmentar e crece-se, que muito breve lhe apparecerão forças carlistas de muita consideração, pois que para organizar na Guipúzcoa e outras provincias a insurreição entraram diferentes chefes com o general Estartús.

Da «Redencion del Pueblo» de Reus extractamos o seguinte:

«Nada absolutamente se sabe d'esta provincia, apesar dos partidarios del Terso (D. Carlos VII) se mostrarem muito animados e decididos por causa do Manifesto, que publicou o seu Rei e Senhor, afirmando alguns, que não passarão muitos dias sem que voltem a entrar em campanha. E' opinião geral, que a partida de 80 homens commandada por Valls está na cordilheira de Monsant.

«La Independencia» diz n'uma carta de San Celoni, que tem a data de 27 do passado, ter a partida commandada por Guin entrado em Pallatudera no dia 26 afim de receber 200 duros, que lhe haviam exigido no dia 18.

Como porém não encontraram reunida a supradicta quantia, levaram o aleide prisioneiro.

Apesar d'isto a fidedignissima Gaceta, cujas sympathias pelo Saboiano passam os limites do invernal, como se tem observa-

do nos seus artigos encomiasticos, continua com o seu emphatico e tranquilizador estribillo — En el resto de la Peninsula no ocurre novedad. — quando se sabe que a provincia de Cadix está prestes a precear e soffrer os horrores d'uma revolta socialista, que conta com muitos elementos poderosos.

Em continuas discussões terminou a assembleia franceza a sua opposição á famosa lei do presidente da republica sobre as ma'crias primas.

Alguns periodicos francezes e entre estes «Le Journal de Paris» entre varias considerações, que pretendem provar as grandes modificações talvez prejudiciaes, que a industria e as relações da França com os paizes seus vizinhos vam soffrer muito brevemente, diz, que Mr. Thiers, visto a supradicta lei ter sido admittida na votação, a que foi sujeita, só por uma maioria de 46 votos, tem muito fraco apoio na Assembleia, e que esses quarenta e seis votos não lhe promoverão de certo nas negociações grande auctoridade.

Cre-se em Paris que o emprestimo será coberto sete vezes. Isto indica as grandes sympathias, que a França tem em todo o mundo, como imporio da civilisação, embora muitas vezes possuido de perniciosas febres ideologico-politico-religiosas, que se propagam contagiosas e funestas pelos outros paizes.

A Assembleia depois d'installado que se va o novo Concelho d'Estado por ella eleito e de se ter votado diffinitivamente a lei d'organisação militar e as tarifas dos direitos sobre materias primas, tomou ferias no sabado para descançar dos seus trabalhos organisadores.

Em Inglaterra mostram-se o governo e a sociedade no seu mais auctorizado periodico o «Times» profundamente preocupados com o aspecto militar, que apresenta a Europa inteira.

Por causa d'isto vai ella tambem juntar aos seus exercitos forças tao consideraveis, como iguaes nunca teve em armas no tempo de paz, para mostrar aos outros paizes, que muito deseja a tranquillidade geral da Europa, que para a guerra se apresta.

De resto observadora paciente e engenhosa a frígida Gran Bretanha presencia silenciosa os successos da politica europeia estudando o seu alcance futuro com previdente e necessario cuidado e deligencia.

Tendo que perder trabalha prudente em estudar o modo de não só nada perder, mas tambem de ganhar alguma cousa, por insignificante que seja.

A Rússia cujos preparativos bellicos tocaram a zona da perfeição, principiou já a fazer manobrar os seus numerosissimos soldados, no meio dos quaes estiveram o czar e os grandes-duques para bem avaliarem as forças do paiz e a sua qualidade, que muito promettem em caso de guerra, que parece antever para muito breve.

Para estes aprestes porém parece a muitos, que concorreu poderosamente a descoberta d'uma grande conspiração contra as instituições do império mocovita, e não o temor d'uma guerra proxima.

A Austria que, como potencia militar, não se reputou ainda até hoje vencida nem em Solferino nem em Sadova, occupa-se tambem agora em seguir o exemplo das demais nações suas, vizinhas fazendo com que o seu exercito, em grandes manobras, experimente, adestrando-se, as armas do mais recente systema e os modernos canhões.

Parece que ella segue prudente o nosso rilaõ, — quem né as barbas do vizinho a arder deita as suas de molho, — e não faz nenhum mal n'isto, porque quem muito confia muito perde.

A Prussia, que continua na pessoa do seu chancellor a perseguir o catholicismo, já experimentou em Berlim as delicias d'uma revolta.

A «Gazette de Cologne» diz a este respeito, que os sediciosos praticaram taes violencias, que destruíram algumas casas, e atacaram a guarda civil e a tropa, a quem fizeram 15 feridos e alguns mortos.

Os revoltosos constituíram barricadas, onde se fizeram fortes, e alguns atiravam das janellas das casas sobre a tropa agua a ferver.

No outro dia de manhã reproduziu-se a sedição com novo vigor e tamanha furia, que se prolongou o combate com a tropa até ás tres horas da manhã do outro dia.

Deu origem a esta revolta popular uma desordem succedida entre um individuo e o conductor d'um carro, mas tal desordem foi, que atrahiu numerosos grupos e tomou depois as proporções d'uma grande e gravissima revolta.

A Italia revolucionaria orgulhosa com a sua Unidãde, que pouco ha-de viver, porque a sua inqualificavel impiedade, lhe ha-de ser causa de morte mais tarde ou mais cedo, parece já aborrecida do seu *moi querido* e *victoriado galantuomo*, porque este nada pôde fazer para a contentar e satisfazer.

O governo, para entreter os mais exaltados, permite alegre e satisfeitissimo, que o clero regular e os pobres frades sejam insultados, perseguidos e maltratados no meio das ruas mais publicas da escravidãda Roma, isto porém é paliativo, que não pôde evitar o augmento da enfermidade.

S. Santidade que cheio de coragem e d'esperança continua possuindo saude den no dia 25 audiencia aos alumnos dos collegios dos Padres do Nazareno, aos quaes dirigiu n'uma allocução recommendando-lhes perseverança na oração; isto mesmo recommendou n'outra ás Filhas de Maria cuja Congregação recebeu em audiencia no mesmo dia.

«La Reconquista» diz ter recebido de Segovia uma carta escripta por uma pessoa respeitavel e fidedigna, na qual se noticia, segundo o testemunho de viajantes, que passaram em Riasa Sepúlveda e Pinillos, o aparcimento de duas ou tres partidas carlistas bem armadas com espingardas Ramington e carabinas Berdan.

O mesmo periodico porém declara, que se prompticia a rectificar esta noticia, caso não seja verdadeira.

«La Unidãd d'Oyiedo» noticia-nos, que se principiou a executar em Pola de Lena a ordem governamental do registo pessoal.

Para este fim sahio o *previdente e muito liberal* tenente coronel de Cordoba com duas companhias e Guarda Civil e á uma hora da manhã incetou este serviço, (que lhe ha-de certamente render o posto de marechal com o titulo d'archiduque), percorrendo as casas e prendendo individuos, os quaes foram postos quasi todos em liberdade pouco depois, porque o juiz os reconhecia como pessoas pacificas e inoffensivas.

Esta, se outras não houvesse, era prova de subejo a mostrar o terror immenso, que aos liberaes do vizinho reino causam os carlistas, que tem por si todos os amigos da ordem e da justiça.

«La Esperanza» de 7, 8 e 9 do corrente noticia-nos, que o movimento carlista continúa em grande incremento, por causa da perseguição barbara e ferina d'algumas auctoridades contra individuos inoffensivos e pacificos, e que todos os carlistas, que se acolhem e acolheram ao indulto, vam sendo postos em ferros por diversas causas, todas falsas, para depois serem condemnados a desterro.

Tristany porém ao saber esta arbitria e illegallissima disposição do Governo, dictou severissimas ordens, que ham de dar muito que sentir aos liberaes e ao Governo, motivando simultaneamente maior desenvolvimento á sublevação tornando-a geral em todas as provincias.

Diz-nos tambem o mesmo periodico, que é tal a excitação dos espiritos nas diversas facções do liberalismo, que mui breve ha-de produzir entre ellas, uma luta horrõrosa, a qual ha-de tambem apressar a sahida da republica para o campo da força; e que uma partida carlista, que passava por Monistrol fora tam amigavelmente recibida pelos republicanos, que estes reunidos n'este dia, por ser santificado, no Cassino mandaram a sua philarmonica receber-os tocando o hymno real.

«La Correspondencia» diz o seguinte:

«Parece que D. Carlos de Bourbon teve em bocage uma entrevista com o conde de Chambord e outros principes das familias desthronadas da Italia. A este facto e á diligencia, que desenvolveu na frente alguns carlistas e certos passos e conferencias se dá bastante importancia, porque se teme, que intentem algum novo plano para avivar a abatida sublevação carlista».

«La Verdad» escreve o seguinte:

«A prudencia obriga-nos a guardar rigoroso silencio sobre o que sabemos relativo aos successos da frenteira. Temos hoje de fazer em favor da causa da legitimidade o sacrificio do silencio, porque, se tal não fizessemos, dariamos armas aos nossos inimigos.

A mesma razão temos para nada dizermos por emquanto das provincias do Norte, onde de dia em dia augmenta o entusiasmo e progreda a agitação produzida pelas vexações amadeistas.

«La Lucha» de Gerona diz, que os carlistas vam cobrando as contribuições pertencentes ao anno economico de 1871 a 1872, ameaçando as auctoridades e os municipios com graves castigos, se acaso não pagarem no prazo de tempo por elles estipulado.

SECCÃO NOTICIOSA

Senhora da Abbdia. — Esta piedosa imagem que se venera na sua capellãda do largo do Barão de S. Martinho, tem de ser solememente festejada nos dias de hoje com illuminação, fogo e musica da banda dos Artistas, e amanha com missa cantada a instrumental e sermão.

Enfermo. — Tem estado gravemente enfermo o nosso bom amigo o rvd.º conego da Real Collegiada de Barcellos Francisco Antonio Gomes Alves Rodrigues de Aguiar. Fazemos votos pelas melhoras do nosso amigo a quem desejamos um completo e prompto restabelecimento.

Barbaridade inexcusable. — Os ferocissimos partidarios do liberalismo da Hispanha acabam de provar concludentemente a sua depravada indole assassinando entre immensas torturas a infeliz mãe do chefe carlista Goiriena.

Preza a pobre mãe foi levada quasi de

rastõs, moida com espadagadas e taetada tam barbaramente, que falleceu no fim de dous dias passados em horribes dores produzidas pela deslocação dos membros e muitas feridas.

Este crime diz-nos qual é o procedimento d'um partido cobarde e infame quando com as armas na mão não pôde no campo da batalha vencer os seus inimigos, e que é o primeiro a gritar villissimo, quando em justas represalias os inimigos procedem de igual modo. Desta, como de toas as outras vezes, foram os liberaes (n'estes dõs), os que deram o exemplo; fiquem porém sabendo, que ham-de, senão já, passados poucos dias, jurar solememente, que foram os tam humanitarios quam intrepidõs carlistas os que principiarã a praticar ferocidades d'este jaez.

De certos periodicos de cá esperamos nós já uma tal gritaria contra os reaccionarios catholicos e jesuitas, que exceda quantas até hoje se tem visto arrotando humanidade em cada palavra.

Estragos da Communa. — Um jornal francez avalia assim os prejuizos causados nos edificios publicos e particulares de Paris, pela Communa = Hotel de Ville 5.400.000\$000 rs.; Talleries e Louvre 6.300.000\$000 rs. Palais Royal rs. 540 contos; Ministerio das finanças 2.700.000\$ rs.; Palacio da justiça 540.000\$000 rs.; Conciergerie 90 contos; Perfeitura da policia e palacio do perleito 360 contos; Legião de honra; 180 contos; Conselho de estado e tribunal de contas 1.800 contos; Caxas das consignações 720 contos; Assistencia Publica 360 contos; Deposito de la Vilette, celeiro de cereaes e mercadorias, 4.860 contos; Quarteis 180 contos; Igrejas 180 contos; Theatros 180 contos; na rua Real oito casas 360 contos; Rua do Rivoli 12 casas 350 contos 800 mil rs.; Boulevard de Strasbourg 4 casas 144 contos; Boulevard Beaumonoir 90 contos; Boulevard Richard Lenoir 100 contos 800 mil rs.; Rua de Bac 8 casas 270 contos; Rua de Little 540 contos; Rua Vauvin 34 contos; Rua Notre Dame des chamke, duas casas 270 contos; rua de S. Martin 3 casas 216 contos; rua do Templo uma casa 720 contos; 8 casas proximas ao Hotel de Ville 360 contos; casas avulsas incendiadas, bombardeadas, e prejudicadas por qualquer forma pela Communa 10.520 contos; a casa de mr. Thiers 180 contos; Gobelins 180 contos; — total rs. 41.364 contos; bens moveis, trastes, etc. 48 contos 636 mil rs. = total geral 90 mil contos de reis.

Antiquidades nacionaes. — Joias existentes no Guarda joias do paço das Necessidades que entregou o sr. D. Miguel de Bragança no anno de 1834.

Table listing various items and their values, including medals, diamonds, and military orders.

N. B. Os diamantes em bruto, e que as cortes auctorisaram o vedor da casa real, por carta de lei de 23 de maio, a vender quantos bastassem para comprar mil contos de reis em inscrições de 3 por cento, averbadas ao apaganço da cordã, e malienaveis para sempre — A. P. — anno de 1860, n. 22. (Da Nação)

As enias. — Do livro do sr. Maximo Du Camp, traduzimos o seguinte, que diz relação ás monhas das senhoras, a essas monhas de cabelo que se compram por ahí:

«Desejaria eu bem que as mulheres, as que dam o tom e a moda, visitassem Sainte Pelagie; lá veriam como se fabricam as monhas com que ellas topetam a cabeça, ou que ellas deixam cair em ondas pelos hombros. Ha uma officina onde só se lida

com os cabellos. Compram-os de umas cabeças duvidosas, apanhã-os em qualquer pate, embaraçados, marrãas velhas levantadas pelo gancho do trapeiro do meio do lixo das ruas, e dividem-os segundo as côres, e os comprimentos, depois de uma limpeza que os não torna menos repugnantes. Em Sainte Pelagie os prezos passam o dia a prendel-os a um fio de seda. Quando foram dispostos segundo as leis da arte, sam transportados para a rua Notre-Dame-de-Lorette, ou para o Fauboury Saint-Germain para serem comprados por uma rapariga de vida ajrada ou por uma marquezã».

(Diario illustrado) O dia de raça. — Diz o «Campeão das Provincias»:

Uma mulher de Belfort, territorio cedido á Prussia pela França vencida, costumava acompanhar todas as manhãs sua filha de sete annos á escola publica, reconduzindo-a já de noite. A mestra morava na rua em que residia um general prussiano, cuja casa tinha janellas ao rez do chão sobre o passio da mesma rua.

Uma noite o general esperou a joven mãe, e lhe disse: — Sr.ª, sou vinvo desde a minha chegada a França, e mandaram-me para aqui minha pequena filha; vê-se ella privada da sociedade das crianças da sua idade, e receio bem que a nostalgia lhe occasiona a morte; consinta pois que sua filha venha brincar com ella.

— Senhor general, respondeu a mulher, não posso satisfazer ao seu pedido, por que sou franceza.

— Pois bem, sr.ª, não é á franceza que eu me dirijo, mas á mãe, disse o official lançando sobre ella um olhar quasi supplicante.

Tocada a seu pezar pela dôr que revelava este pae recesso pela sorte de sua filha, a joven mãe respondeu: Dirija o seu pedido a minha filha e a sua resposta será a minha.

Então o general disse á criança: — Menina, consista em vir brincar com a minha pequena Lisbeth; tem ella lindas bouccas de Nuremberg, e ainda que prussiana, falla já soffrivelmente o francez.

— Não quero, respondeu a criança com uma firmeza superior á sua idade.

Fez-se um silencio glacial, e o general, fechando a janella, resmungou:

— Oh! este povo ha de rehabilitar-se por meio de seus filhos.

Processo celebre. — O tribunal da vice-chancellaria d'Inglaterra vae occupar-se de um processõ começado em 1775, e que desde 1848 se achava paralisado. Trata-se da successão de um baronnet, implicado na insurreição de lord Devroentwater, e que accusado de alta traição, se achava impossibilitado de administrar os seus bens. Seu irmão, que morreu sem descendentes, legou toda a sua fortuna aos filhos do condemnado, que falleceram pouco tempo depois.

Uma somma de perto de 70.000 francos, depositada na chancellaria antes do fallecimento d'estes herdeiros, em 1760, não tinha sido até agora reclamada. O tribunal foi porém de novo chamado a decidir sobre a reclamação do auctor, que se prevalece de cartas patentes concedidas pelo rei Jorge II em 1755 para levantar a quantia depositada, engrossada pelos juros vencidos em mais de um seculo. Estes dinheiros eram já considerados como pertencentes ao fundo dos honorarios dos litigantes, fundo enorme, de que o parlamento regulou recentemente a applicação.

O busto de Mazzini. — Noticias de Roma nos dam conta d'uma exposiçõ de muitos bustos de Mazzini na praça do Povo. Os revolucionarios desconfiando do santo a quem adoram, vam por aquelle meio conhecendo qual a apreciação do publico a respeito dos seus projectos. Provavelmente a escolha deve de ter caido sobre o busto que mais ares de raiva tenha contra o catholicismo e que mais graças mostre ao famoso plano da unidãde italiana. Esperamos ansiosos por esse dia de gloriosa recordação em que o retracto de um dos maiores republicanos seja levado em triumpho para o capitolio; pois será a datar d'então que principiarã a historia da queda da monarchia italiana, e para o Papado a historia da sua glorificação. E' impossivel que essa estatua, pequena no material, mas grande na idea criminosa que representa, não desafie a vingança divina até hoje repreza em favor dos salvados por quem Pio IX, o grande Pio IX ora pede e supplica ao Deus de misericordias o perdão. Serão confundidos os homens da nova Babel, desmoronado o seu capitolio de lousura, e a estatua mais criminosa que a do bezerro d'ouro, e a quem idolatravam será esmigalhada pela pedra despedida sem mãos da montanha.

Os republicanos em Italia. — Não se poupam a trabalhos, despezas e até sacrificios os proselytos do protestantismo politico — o republicanismõ. Em Ancona formaram um circulo revolucionario com o nome de Circulo Mazzini. Entre os chefes e conselheiros do partido republicano encontram-se os nomes dos Campanellas, dos Saffos, dos Mauricios, dos Quadros; homens celebres na revolução italiana.

Civilisação. — Este excellento jornal

que se publicava em Coimbra, suspendeu, durante o tempo das férias a sua publicação.

Mais um conspirador em Espanha — O celebre conspirador, irmão de Felix Orsini, que morava ao pé do theatro Argentina em Roma, partiu inesperadamente para Hispanha ha dez dias. Era em casa d'elle que se faziam as reuniões nocturnas dos sectarios da revolução.

Para que seria chamado com tanta pressa este famoso caudillo das conspirações? provavelmente para ter mão no throno de Amadeu que está a cambalear, e defender com a sua vida a do duque de Aoste.

E não tem graça os jornaes liberaes portuguezes que dizem: «attentavam contra a vida do rei (sic) Amadeu? haviam de ser forçosamente (sic) os carlistas».

Não procurem conspiradores em quem não quer sangue inutilmente derramado: a morte do príncipe sabiano pouco ou nenhum triumpho daria á causa carlista, porque a questão não é de Amadeu, a questão é de principios anti-catholicos e anti-sociaes encarnados, desgraçadamente, em uma grande parte da sociedade.

E' trama antigo dos liberaes inventarem calumnias para que os outros desviem d'elles os olhos e os fitem aonde nada se faz. São consequentes consigo mesmos; e a culpa tem-na quem não considera os principios anti-religiosos e anti-sociaes como consequencia logica do liberalismo.

Os theatros em Roma. — No theatro Corea representou-se uma peça... De que natureza a julgam os nossos leitores? talvez de moralidade, onde a virtude seja louvada e victoriada, e o vicio censurado e stygmatisado? enganam-se redondamente. Já não é a primeira vez que em nosso jornal temos archivado as demonstrações immoralissimas da revolução italiana; a peça que se representou no referido theatro foi, desde o principio até o fim, um insulto á historia, aos papas e portanto ao Catholicismo. A peça tinha este titulo: Sixto-Quinto.

Não temos noticia minuciosa d'este drama; mas avaliaremos o que elle é pelo que já dissemos, e ainda porque Sixto V foi um dos papas de muita justiça e por tanto alvo de perseguição para os seus inimigos.

Mais uma prova do valor dos soldados de Victor Manuel. — O bispo sufraganeo de Frascati voltava a pé e sozinho para sua casa, depois de ter acompanhado ao caminho de ferro alguns amigos, quando, de repente, se vê rodeado d'um bando de soldados italianos, os quaes o insultaram d'um modo revoltantissimo.

Um official inferior, aproximando-se do prelado, ameaçou bater-lhe. Sua Excelencia respondeu-lhe com a maior tranquillidade: «Não, meu filho, isso é que tu certamente não fazes». E, apenas acabou de falar, metteu a mão no bolso para tirar um lenço e fazer uso d'elle; porém os soldados italianos apenas viram este simples movimento fugiram.

E' aqui o caso de dizermos que o valor do exercito subalpino está á mercê d'um qui proquo.

Tem graça; tomar um innocente movimento por um acto defensivo! Como elles tem consciencia do bem que fazem, que a todos os instantes lhes parece ver levantada a mão da justiça para os castigar.

As eleições municipaes na Italia. — Os jornaes liberaes fazem grande estrondo com a victoria alcançada em algumas partes; porém não admira, attendendo a que os catholicos não estavam por toda a parte organizados em circulos e cassinos, e sobre tudo os meios de perseguição tem sido demasiadamente violentos.

Ainda mesmo que o partido catholico estivesse bem preparado e não fosse surprehendido com a nova lucta em eleições municipaes, ainda assim, ser-lhe-ia impossivel obter um triumpho material, por ser mui forte a pressão que os homens da situação exercem sobre os catholicos.

Eis aqui alguns exemplos: de Frascati telegraphou-se para Roma pedindo alguns centos de obreiros, além de inutilisar a maioria dos catholicos.

De Frascati, Albano e Ariccia vieram, por assim dizer em precissão, os liberaes para Grotta Ferrata, a fim de impedir que os eleitores catholicos alcançassem a victoria.

Em Roma, quantos meios de violencia! basta dizer que prohibem de votar os proprietarios e ricos, e admittem o vulgo!

No entanto, o mundo catholico terá mais uma prova da liberdade com que são exercidos os direitos dos cidadãos catholicos. A lista dos candidatos catholicos é tal, que até os mesmos liberaes a respeitam. Foi ultimamente publicada pelos jornaes catholicos a seguinte:

Dom Emilio Altieri, príncipe de Viano; Doutor Alexandre Cescarelli; Joaquim Costa Castrati; o Conde Augusto della Porta; o commendador João Baptista de Rossi; o advogado Diniz Olympiades; o professor Ignacio Giacommetti; M. Luiz Mazzochi; o cavalleiro Gaetan Morichini; o Conde Adolpho Piancini; o advogado Luiz Tongiorge; o príncipe Alexandre Torlonia, e o commendador Carlos-Luiz Visconti.

A Atalia de Vizeu. — Este excellente semanario suspende a sua publicação até que lhe chegue uma typographia que ella

vae montar por sua conta, attendendo ás muitas inconveniencias que tem encontrado em servir-se de prelo alheio.

Pede aos seus assignantes que lhe não retirem as suas assignaturas, e aos que estão em debito que lhe paguem, além de que possam realizar a sua empreza, que não é outra como sabem, senão a de defender a Religião de tantos modos atacada. Damos os parabens ao denodado campeão do Catholicismo, por facilitar os meios de mais facilmente propagar as suas boas doutrinas religiosas.

Monumento da Immaculada Conceição no Monte Sameiro, subúrbios de Braga.

No dia 23, ultimo Domingo do corrente Agosto, tem de se celebrar solemnemente a festa da VIRGEM IMMACULADA.

O nosso SS. Padre Pio IX, o Grande, dignou-se abrir em favor da obra do Monumento o Theouro da Igreja; e, além d'outras graças concedeu Indulgencia Plenaria a todos os fieis que, com confessados e commungados, visitarem devotamente, desde as primeiras vesporas de sabbado até o pôr do sol do ultimo Domingo d'Agosto, o Templo do Real Santuario do Bom JESUS do Monte e a Sagrada Imagem de Maria SS. no Monte Sameiro, orando segundo as intenções designadas por Sua Santidade.

Para facilitar aos fieis a consecução d'esta preciosa graça achar-se-hão confessores no Templo, e pelas 7 horas da manhã do Domingo se fará n'elle uma visita publica e solemne, e logo seguirá uma precissão de preces, ou clamor, para o Monumento, onde se fará a visita e se cantarão as Laldainhas Lauretanas.

Depois das 10 horas se cantará na Igreja do Bom JESUS uma Missa solemne com exposição do Sanctissimo Sacramento.

De tarde pelas 4 horas haverá sermão junto do Monumento.

Fieis portuguezes, devotos de Maria! Não queiraes desaproveitar estas copiosas graças, nem deixeis passar esta occasião de testemunhar á Augusta Padroeira de Portugal os sentimentos de vossa piedade e gratidão! Vinde implorar Sua poderosissima intercessão para que faça cessar as amarguras da Santa Igreja, e os males da Sociedade.

COMMUNICADOS

Beira Baixa 7 d'agosto de 1872.

N'esta data só lhes fallo do sangue dos pobres, que tambem é o meu, e por isso me doe quando o estou vendo expremper pelos carrascos da usura.

E' na verdade uma dôr d'alma ver este sangue dos pobres correr espremido em jorros a encharcar-se na immunda ambição fome canina dos que pretendem agarrar este mundo e mais o outro: este não agarrarão elles, porque seus filhos ou netos hão de realizar o texto das sagradas letras: Qui coarcevat divitias usuris, et favore, liberali in pauperes congregat eas—mas no outro hão de ser agarrados por verdugos com unhas d'outra especie.

E não só é certo que, aquelle que amontôa riquezas por meio d'usuras, e interesses injustos, ajunta-as para o que ha-de ser liberal com os pobres; mas tambem o é, que os bens do peccador estão reservados para o justo.

Esta rapina sanguinolenta, ou carniceira do sangue alheio, está sendo a principal industria de muitos cavalheiros da Covilhã e Fundão, que tem empalmado quanto numerario apparece. Ninguém manda já cantar um cego por não ter os 10 reis para lhe dar; pois moedas de prata e ouro, n'isso não se falla, que nem por um olho da cara se lhe põe o olho em cima. E' uma pobreza franciscana arranjada, em parte, por estes famulentos que foram á fabrica dos estropeados alejar a alma.

Em Londres foi ha pouco descoberta pela policia uma fabrica de estropeados, aonde corriam os deshumanos paes de familia alejar seus filhos, mediante certa quantia que pagavam, para depois passarem a vida de corpo direito, com os innocentes de rastos, implorando a caridade publica!

Se isto faz arripiar os cabellos ao mais insensivel dos homens, a mim não me assombra menos a fabrica de estropear almas que existe entre nós—Art. 1640 doCodigo Civil—que é hoje o valhaouto dos tarapios legaes; alguns que eu já conheci descalços de pé e perna, e, que hoje andam casquilhos, tem-se vestido á custa do suor de seus irmãos a quem matam á traição. Pois não será peor do que morrer, ver-se um infeliz empenhado até ás orelhas, pagando usuras de 12 ou 20 por cento, e querendo livrar-se d'estas sanguessugas, ou sendo a isso obrigado com citações e penhoras, valer-lhe a sua propriedade como se fóra areia, porque ninguem a compra, porque não ha dinheiro?

D'estes casos estou vendo todos os dias, e mais ainda, que, em certa aldeia bem pequena, e não ha muito tempo, tres desgraçados abrindo os olhos, quando dizem que a toupeira os abre, viram-se nas garras dos

gerifaltes d'aza d'ouro, e não sabendo já para onde se voltarem n'este mundo, esmorecidos, voltaram-se para o outro, onde estavam pedindo vingança para os seus humilhados.

E' certo que, nas tristes circumstancias, em que se acha quasi toda esta provincia, temos de ver grande parte da propriedade entregue aos usurarios por adjudicação judicial, que por outra forma a não querem elles, isto é, que só lhes faz conta ao desbarato, quando possam d'ella tirar as mesmas ganancias que tiram aos eapiras em proporção; porque dizem lá consigo o mesmo que dizia um alicantineiro hespanhol; Con arte, y con engaño, vivo la mitad del anno: y con engaño y arte, vivo la otra parte.

Deus me livre, e até aos meus inimigos, d'estas unhas de lei, ou legaes, que escaparam ao insigne padre Vieira, entre tantas outras que deu a conhecer e nos mostrou a peçonha na sua Arte de Fortar. Mas se elle hoje fosse vivo que tesoura arranjaria para cortar taes unhas, que por serem legaes, não lhe péga o do degredo?

Não me parece que haja tesoura mais propria que a —Cautela—.

Cautela, pois, recomendo aos que não quizerem ficar sem palha nem agulha; cautela, aconselho, aos que não quizerem ficar tão despidos como vieram a este mundo: tragam todos sempre em vista, que taes unhas são hoje tão afiadas pelas leis novas, que levam couro e cabelo.

Cautela, pois.

Um Catholico das margens do Zezere.

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o illm.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Lamego, o illm.º sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

AGRADECIMENTO

João Antonio d'Oliveira Cardoso, natural de Guimarães, e ao presente n'esta cidade de Braga, na impossibilidade de o fazer por agora pessoalmente, agradece d'este modo a todos os ill.ºs e ex.ºs snrs. e sr.ªs, que durante a sua enfermidade tanto se entressaram pelo seu restabelecimento, e a todos protesta eterno reconhecimento e gratidão.

ANNUNCIOS



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Paquetes a sahir de Lisboa em direitura ao Rio de Janeiro. LUSYTANIA a 4 de Junho—CUZCO a 19 de Junho—MAGELAN a 3 de Julho. Para tratar na rua da Boa Vista n.º 1 em Braga. (71)

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura

por

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Livros em segunda mão á venda na Livraria Catholica, Rua do Souto e na Livraria d'Eugenio Chardron, Largo dos Terceiros—Braga.

Antoine (G.) — Compendium Theologiae moralis universae, 1802. 2 vol. enc. 500

Beltrão (J. D.) — Breve tratado da actual disciplina da Igreja Lusitana, 1817. 1 vol. 4.º 300

Benedicti XIX (S. D. N.) — Constitutiones selecte, nec non bullae, decreta, epistolae, etc. Parochis, confessoris etc, 1784. 2 vol. 4.º gr enc. n'um 720

Benedicto XIX (Pastoral de N. SS. Padre), de gloriosa memoria, sendo cardeal arcebispo de la Santa Iglesia de Bulonica, e instrucciones ecclesiasticas para su diocesi; traducidas del toscano por el R. P. Fr. Facundo Raulin, 1775, 2 vol. 4.º enc. 800

Benedicti XIX (S. D. N.) — De synodo diocesana, 1775. 2. 4.º gr. enc. 800

Bergeri — Dictionaire de theologie morale, édition augmentée du plan de la theologie, 1858. 4 vol. 4.º enc. 2:400

Berardi. (G. S.) — Decretalium professoris commentaria in jus ecclesiasticum universum, 1789. 2 vol. 4.º gr. enc. 800

Cavallario — Institutionis juris canonici, ac sex tomos distributae. 1796. 6 vol. 4.º enc. 12:000

Defensor (O) da religião -- em palestras religiosas, em soccorro dos R. R. Parochos, com homilias para todos os domingos, em disputas com incredulos, motivo e origem d'estas disputas. Catecismo Catholico pelo Defensor da religião, 1837-1840 14 vol. 4.º enc. em 7 vol. 2:500

Garrett — A dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo segundo as meditações de G. A. Emmench, 1842. 1 vol. 4.º enc. 400

Gomes (V.) — A biblia da natureza ou a religião Catholica demonstrada pela natureza e razão, 1856. 1 vol. 4.º 300

Le Febvre — A unica religião verdadeira demonstrada contra os atheos, deistas, e todos os sectarios. Trad. por Angelo dos Santos, 1781. 1 vol. 8.º enc. 250

Pape (Du) — par l'auteur des considerations sur la France, 1819. 2 vol. 4.º enc. 500

Royaumont — Historia Sagrada do velho e Novo testamento, com explicações e doutrinas dos SS. Padres; — trad. por L. P. da Silva ed. 1791. 2 vol. 8.º enc. 400

Salameo M. Galabert. — Regula clerici, ex sacris litteris sanctorum patrum monumentis, ecclesiasticis que sanctionibus excerpta, 1829. 1 vol. 8.º enc. 360

Serafim da Conceição (Fr.) — Novo confessor instruido na pratica do confessoriano; doutrina extrahida da escriptura, Concilios, santos Padres etc. 1814. 4 vol. 8.º enc. 800

S. Luiz (A.) — Mestre de ceremonias, que ensina o rito romano, e serafico aos religiosos da reformada, e real provincia da Immaculada Conceição, 1780. 1 vol. f.º enc. 1:440

Thomaz dos Reis (A.) — Methodo da liturgia Bracharense em que se expoe fundamentalmente e com clareza o modo de celebrar com a devida perfeição o Sacrosanto sacrificio da Missa assim rezada, como cantada etc., 1837. 1 vol. 4.º gr. 500

Villa do Conde Carneiro. (Fr. Franc.) — Dissertação theologica e canonica, em que se mostra serem devidas por diferentes principios as oblações, 1794. 1 vol. 8.º enc. 200

Araujo — Cursus theologici 1734 2. vol. f.º enc. 1:000

Azevedo — Discursos morales em las fiestas de la Reina del cielo nuestra Señora. 1602. 1 vol. f.º enc. 800

Berti — Opus de theologicis disciplinis. 1760 7 vol. f.º enc. 3. 2:000

Calmet — Prolegomea e dissertationes Sacrae scripturae. 1734 2 vol. f.º enc. 1:200

Ceremonial — monastico reformado da congregação de S. Bento de Portugal 1820 1 vol. f.º enc. 2:100

Conceição. (Mel. da) — Ceremonial serafico e romano para toda a ordem Franciscana, 1730. 2 vol. f.º enc. 1. 2:000

Constituições synodaes do Bispado do Porto, novamente feitas e ordenadas por D. João de Souza, 1690. 1 vol. f.º enc. 1:500

Du Hamel — Biblia sacra, vulgatae editionis 1748. 2 vol. f.º enc. 2:000

Hugonis de S. Charo — Opera omnia in universum vetus et novum tes

tamentum 1703. 8 vol. f.º enc. 4:000
Le Blanc — Psalorum davidicorum analisis, 1726. 6 vol. f.º enc. 3:000
Nogueira — Expositio Bullae cruciatæ lusitana, 1716. 1 vol. f.º enc. 600
Reiffenstuel — Theologia moralis brevis, clasique methodo comprehensa, 1758. 2 vol. f.º enc. 1. 600
Roncaglia — Universa moralis theologia qua non solum principia & ad usum confessoriorum, 1736. 2 vol. f.º enc. 1. 600
Salmanticensis — Cursus theologiae moralis, 1734. 6 vol. f.º enc. em 3 vol. 2:400
Thomassinus — Vetus et nova ecclesiae disciplina circa beneficia et beneficiarios, 1730. 3 vol. f.º enc. 2:000
Vieira (F.) — Voz evangelica que nos mudos os caracteres etc. 1708. 1 vol. f.º enc. 1:000

ACAFAETE EUCHARISTICO

OU

O MEZ DE JUNHO

CONSAGRADO AO AGUSTO MYSTERIO

DO ALTAR

PELO

Padre José Maria Vieira da Rocha

Vende-se na Livraria Catholica rua do Souto.

Preço 240 reis.

Sermão celebrando o faustissimo dia do XXVI anniversario da gloriosa coroação de N. S. S. Padre Pio IX, o Grande, pregado na parochial igreja de Nossa Senhora dos Mortyres em Lisboa, pelo padre Joaquim da Silva Serrano Prior de Bellas.

Vende-se n'esta cidade na Livraria Catholica por 100 rs., e 105 sendo remittido pelo correio.

A Prophecia d'Orval, ultimamente tão celebrada e vertida em todas as linguas, faz parte d'um pequeno volume de Prophecias que se acha á venda na Livraria Catholica, Braga, rua do Souto 39—Porto, Praça de D. Pedro 131—Lisboa, rua nova d'El-rei 75, por 200 rs.

Quem quizer possuir com este volume de Prophecias a Historia do Anti-Christo tem que mandar mais 100 reis.

Nas mesmas livrarias se encontra á venda o Mez do Sagrado Coração de Jesus por 200 reis.

Photographias de Pio IX com a sua biographia, vindas directamente de Roma, 100 rs., pequeninas photographias a 40 reis. (64)

Vida do Nosso SS. Padre Pio IX

POR

M. VENET.

—

VERSÃO POR

M. F. M. e Souza.

Vende-se por 60 reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardron.

NOVO PAROCHO

INSTRUIDO

NAS MATERIAS MORAES

PARA O EXAME SYNODAL,

Indispensavel a todos os Parochos, e Confessores, illustrado com o Direito Municipal nas partes competentes, e dirigido por seu Author para utilidade do Clero Bracarense.

Obra posthuma do P. Fr. Serafim da Conceição.

Vende-se em casa do snr. Francisco Manoel Gonçalves, rua Nova n.º 10. 2 vol. 300 rs.

Os Fidalgos do Coração de Ouro

Romance

por

Manoel Pereira Lobato

4.º e ultimo vol.

Vende-se nas livrarias Catholica, rua do Souto, e Chardron, Largo de S. Francisco.

Preço de cada vol. 200 rs.

ONDE ESTAMOS?

Estudo sobre os acontecimentos da actualidade, 1870 e 1871

por

Monsenhor Gaume.

Vende-se por 500 rs., na livraria Catholica rua do Souto, e na do Germano Joaquim Barreto, correspondente da livraria catholica de Roma, onde se encontram todas as obras do mesmo auctor com abatimento de 10 por cento.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.